

DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

Pretos, médicos e professores: Soares Lopes e Carteado, intelectuais diásporicos na história da educação e da saúde

Blacks, doctors and teachers: Soares Lopes and Carteado, diasporic intellectuals in the history of education and health

Cristiane Batista da Silva Santos¹

Resumo: O presente texto tem como escopo discutir a trajetória de intelectuais que atuavam como médico e professor, problematizando-os nos campos da História da Educação e da Saúde na Primeira República. Objetiva-se analisar a circulação e redes de sociabilidades protagonizadas por estes intelectuais que se constituíram numa elite negra no sul da Bahia. Recorremos ao aporte teórico-conceituais de Intelectual (Sirinelli, 2003), Intelectual Mediador (Gomes; Hansen, 2016), Trajetória (Bourdieu, 1996). Para tanto, foram analisadas as publicações de jornais dos acervos do CEDOC e da HDBN metodologicamente na perspectiva da prosopografia (Stone, 2011) e pelo método indiciário (Ginzburg, 1989). Foi possível traçar trajetórias entrecruzadas de uma elite negra formada na FAMEB em ampla mediação e atuação na docência e saúde no Sul da Bahia.

Palavras-chave: História da Educação; História da Saúde; Trajetórias; Médico-professor

Abstract: The purpose of this text is to discuss the trajectory of intellectuals who worked as doctors and teachers, problematizing them in the fields of History of Education and Health in the First Republic. The aim is to analyze the circulation and networks of sociability led by these intellectuals who constituted themselves as black elite in southern Bahia. We use the theoretical and conceptual contributions of Intellectual (Sirinelli, 2003), Intellectual Mediator (Castro Gomes, 2016), Trajectory (Bourdieu, 1996). To this end, newspaper publications from the CEDOC and HDBN collections were analyzed methodologically from the perspective of prosopography (Stone, 2011) and using the index method (Ginzburg, 1989). It was possible to trace intersecting trajectories of a black elite trained at FAMEB in extensive mediation and action in teaching and health in the south of Bahia.

Keywords: History of Education; Health History; Trajectories; Doctor-teacher

¹ Doutora em Estudos Étnicos e Africanos – CEAQ, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), pelo Departamento de Ciências da Educação e do GRUPPHED - Grupo de Pesquisa em Política e História da Educação. E-mail: cbssantos@uesc.br. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7582-6582>.

Introdução

Findava o ano de 1918 quando a imprensa deu um relatório da crise sanitária que grassava a cidade de Ilhéus. Dos mais abastados fazendeiros de cacau aos pobres trabalhadores, o saldo de mortes pela influenza era grande. Naquele 10 de novembro o *Jornal de Ilhéos* lamentava a epidemia. Na mesma nota destacou um médico que visitava e receitava mais de oitenta enfermos diariamente, mas que também foi atacado e estava acamado há nove dias guardando o leito. Os elogios ao médico não foram poupadados: “clinico laborioso, honesto e humanitário, que faz da profissão um sacerdócio”. Tratava- se do Dr. Soares Lopes. E ao seu lado ajudavam-no mais dois médicos. Um deles era Dr. Enoch Carteado, que socorria ao interior e arrabaldes.²

Cinco anos após esse episódio ganhava destaque de primeira página em Ilhéus a morte de um professor, Pedro Celestino. Seria mais uma homenagem póstuma corriqueira à população de Ilhéus se não fosse por um detalhe: a trajetória do homenageado era desconhecida localmente. O professor Pedro L. Celestino atuou na capital. Foram trinta anos como médico e professor da Faculdade de Medicina. Tal conquista, segundo a imprensa ilheense, foi “à golpes de esforço, dedicação, inteligência e perseverança”. Após dar aula no ensino superior foi nomeado professor de Física e Química da Escola Normal assumindo, posteriormente a direção da mesma.³

Estes três sujeitos tinham em comum a condição de serem “médicos-professores”, categoria cara a este texto. Até aqui apresentamos

2 CEDOC, Jornal de Ilhéos. **A influenza.** 10 de novembro de 1918, p.1, ed.329.

3 CEDOC, Correio de Ilhéos. **Professor Pedro Celestino .** 11 de janeiro de 1923, p.1, ed.242.



trechos de três trajetórias de vida que tinham muito em comum: médicos, formados pela Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB), atuavam como professores, eram negros e nasceram ainda no século XIX de famílias livres. As trajetórias destes três médicos tiveram confluências no pós-abolição em Salvador. Eram homens negros e frequentaram um espaço elitizado de brancos em formação. Os três tornaram-se, assim, exemplos contumazes da categoria que evocamos problematizar aqui, a do médico-professor negro cuja tipologia era de um sujeito intelectual, dividido entre a medicina e a docência, com dedicação e brilhantismo nas duas áreas profissionais e, portanto, passíveis de terem suas trajetórias escrutinadas interseccionalmente, no campo da História da Educação e na História da Saúde na Bahia na Primeira República. Mas apenas dois deles migraram para o sul do Estado da Bahia.

210

Isto posto, o escopo deste texto é tratar destes dois médicos, João Baptista Soares Lopes e Enoch Carteado, e como suas trajetórias se interseccionavam entre a medicina e a docência no sul da Bahia. Compartilhavam o pertencimento étnico racial, eram pretos retintos, nascidos na capital, formados em medicina, com famílias pretas livres ou libertas quando nasceram ainda no século XIX. Os dois frequentaram a FAMEB na transição do século XIX e alvorecer do XX num tempo em que, via de regra, havia um padrão do estudante de medicina e era um homem branco e rico. João Baptista e Enoch, conforme suas genealogias familiares, frequentaram aquele espaço com os esforços materiais de uma família cujos pais amealharam bens e mobilidade social entre a escravidão e o pós abolição.

O perfil de estudante branco a que nos referimos aqui pode ser expressado pelo jornal *O Malho*, que flagrou de modo contundente a

composição étnica dos estudantes de medicina na Bahia entre 1904 e 1911

Fig. 01. Estudantes da FAMEB de 1904 a 1911



Fonte: O Malho de 1904 a 1911. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>, acessado em out.de2023

211

Nos anos registrados pelo o Malho, Enoch Carteado era estudante de medicina. Na fotografia acima, apesar das limitações da escala de cor em preto e branco, é possível leremos a composição étnica dos estudantes fotografados e que apenas um deles é preto retinto, indicado pela seta vermelha no centro da imagem, em pé na última fila. Ele é uma metáfora da ausência pela presença excepcional. Apesar de O Malho não ter identificado nominalmente aos estudantes, sabemos a cor deles pela sequência de fotografias das turmas, o tom branco da pele prevalece.

Foi deste contexto de minoria preta, mesmo dispondendo do capital e condições objetivas e subjetivas de cursar medicina, que saiu Soares Lopes e Enoch Carteado. Antes de trabalharem juntos no combate a in-



fluenza em Ilhéus no início do século XX, viveramem Salvador um mesmo percurso formativo, oriundos de uma família que já contava com outros membros letrados enquanto ainda vigorava o sistema escravista. Quanto estranhamento devem ter causado ao serem os únicos pretos retintos de sua turma?

O método indiciário de Ginzburg (1989) nos permitiu rastrear seus familiares na capital na segunda metade do século XIX. Os Soares Lopes atuavam como professores públicos na capital e os Carteado tinham parentes no Gabinete Português de Leitura e na Sociedade Protetora dos Desvalidos – SPD. Isto é significativo como ponto de partida para traçar suas trajetórias imbricadas a esta condição de capital cultural familiar que se ancora no pressuposto segundo o qual “a noção de capital cultural impõe-se, primeiramente, como uma hipótese 212 indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar” (BOURDIEU, 2015, p. 81).

A ambiência ideológica, moral, econômica, somadas às teorias eugênicas e científicas da FAMEB entre 1899, formatura de Soares Lopes, e 1913, formatura de Enoch Carteado, foi o espaço de formação dos professores que investigamos neste texto. A baliza inicial já traz uma problematização: Quais teriam sido suas filiações, leituras e produções e como estas reverberam em suas práticas como médicos e professores?

Na primeira metade do século XX Ilhéus estava vivendo da riqueza propiciada pela opulência do cacau e crescendo culturalmente com o afluxo de profissionais de várias áreas. Logo, destacou-se no cenário baiano como um espaço em que as relações de poder ditavam as culturais visto que coronéis abastados e famílias de ascendência europeia detentoras das terras em que o cacau era produzido, demandavam pro-



fissionais como médicos e escolas particulares para seus filhos.

Neste afluxo, após concluir medicina, Enoch e João Baptista foram para Ilhéus. Seguimos os seus rastros familiares, que tem seus primeiros registros nas fontes em Salvador em fins do século XIX, e os acompanhamos até o falecimento na década de 1950. Em Ilhéus, por mais de quatro décadas, formariam suas famílias, não se afastariam do exercício do magistério na Escola Noturna, Complementar e Escola Normal, nem deixaram de exercer a medicina, os cargos públicos, composição de grêmios, associações e partidos políticos. Estreitaram laços entre os Carteado e os Soares Lopes compondo um seletº grupo de pretos e pretas intelectuais, médicos, professores e professoras respeitados pela atuação, tidos ali como uma elite cultural, econômica e atuando como intelectuais mediadores (Gomes; Hansen, 2016).

213

Dois delegados em dois campos de atuação: caminhos teóricos metodológicos

A análise da trajetória destes dois médicos em Ilhéus na primeira República coaduna dois campos de conhecimentos: História da Educação e História da Saúde. Esta discussão faz parte de uma pesquisa maior cujo objetivo é explorar as trajetórias e percursos formativos dos “professores-médicos-doutores” marcados pela relação ascensão social e ensino superior nas populações negras.⁴ Destarte, ambos poderiam ter suas trajetórias analisadas como professores em uma larga atuação ou somente pelo exercício da medicina. Sob quaisquer um destes aspectos

⁴ O projeto de Pesquisa foi aprovado pelo CONSEPE /UESC é intitulado “**História da Educação das populações negras entre margens: Brasil/Bahia e EUA nas representações de intelectuais em cartas e impressos (1910-1970)**”, sob o nº 073.6767.2024.0008134-05, período 2024-2026.



emerge uma trajetória profissional do cruzamento de fontes diversas coletadas em imprensa, no APEB e arquivos particulares.

Na contramão de uma análise estanque seguimos pistas já traçadas por historiadores que seguiram por esta via de mão dupla, a História e a História da Saúde, trajetórias e percursos formativos. Destacamos neste campo como Ricardo Batista (2020) já traçara a trajetória de Antônio Luís Cavalcanti de Albuquerque de Barros Barreto na Reforma Sanitária da Bahia. Posteriormente, com Luiz Otávio Ferreira e Ricardo Batista (2024), investiu ainda na trajetória profissional da enfermeira e socióloga Haydée Guanais Dourado desde sua formação como norma-lista no Instituto Ponte Nova (Bahia, Brasil) até a sua adesão ao grupo de enfermeiras da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

214

Mayara Plácido (2019) pesquisou sobre a primeira mulher negra a se formar em Medicina na Bahia, Maria Odília Teixeira, no ano de 1909 e que depois tornou-se professora na mesma instituição. Iraneidson Costa (2023) ressalta como Antônio Moniz Sodré de Aragão, mais conhecido como Moniz Sodré, vinha de uma família tradicional de médicos e professores.

Embora ancorados noutras perspectivas que não somente a do marcador racial, nestas pesquisas elencadas emergem uma condição que nos aproxima, que é a dualidade médico-professor em trajetórias singulares na Bahia, na História Social, História da Saúde e História da Educação. Pensamos no lugar da História da Educação no conjunto da historiografia e que suas múltiplas relações oferecem possibilidades de abordagens apresentadas pela História nas quais se insere a História da Saúde na Bahia.



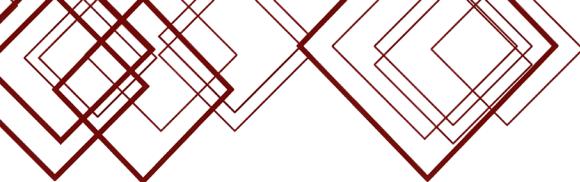
Ao abordar as trajetórias destes dois médicos-professores pretos, tomamos como escolha teórico-metodológica, as contribuições de Pierre Bourdieu (1996) tanto nos estudos realizados nas ciências sociais quanto no campo da educação. Há uma série de elementos que os conectam como o discurso higienista dominante nas primeiras décadas da República. Assim analisamos documentos, as pistas pelos nomes e suas relações.

Os dois foram exercer essa dupla condição numa sociedade marcada pelo coronelismo que ditava as regras da saúde e da educação e, portanto, tornava um campo indissociável de rede de poder, mando, obediência, bem como na indicação de cargos assumidos pelos dois médicos , seja como professores ou delegados nomeados, o de Higiene e o Escolar. Estas indicações não eram aleatórias, visto que interessava a uma elite branca e rica, o diploma de medicina destes sujeitos num contexto que os coronéis não tinham formação.

215

Na Primeira República em Ilhéus estes dois pretos retintos colaram-se em evidência e em múltiplos papéis. Este é um movimento que faz emergir biografias e, em conjunto, uma prosopografia deste tipo de elite: preta, cultural, econômica e intelectual.

A Bahia, no período em estudo, ansiava por se mostrar como uma sociedade civilizada nos trópicos e seria necessário perpassar pela questão da higiene das populações. Os médicos tinham papel central neste processo. Eles poderiam ensinar, clinicar, discursar e escrever para a imprensa local. Por isto os tomamos aqui na categoria de intelectuais mediadores na acepção de seus papéis em Ilhéus (Gomes; Hansen, 2016).



Há ainda neste contexto histórico um perfil de atuação profissional, como observou Lilian Schwarcz (1993) ao analisar as biografias encontradas no Brazil Medico, que em 65% dos casos os médicos procuraram alcançar posições políticas de importância como senadores, vereadores, deputados e prefeitos. E na Bahia comumente eram vistos profissionais médicos atuando como políticos, jornalistas e literatos.

De fato, oriundos dessa geração, os dois médicos-professores ocuparam cargos políticos, em delegacias e diretorias em Ilhéus em relações estreitas pois, para Sirinelli (2003), os intelectuais possuem em comum a “sensibilidade ideológica ou cultural”.

Não era incomum que a docência fosse exercida por médicos, advogados e engenheiros nas cidades do interior baiano na Primeira República. Estes profissionais exerciam um papel duplo entre suas profissões de formação e o magistério. É desta interface, entre os homens da ciência que discutimos suas trajetórias no campo da História da Educação como assevera Dominichi Sá (2016). Portanto, a metodologia partiu da análise da pesquisa documental amparando-se no método indiciário de Ginzburg (1989), investigando as redes de sociabilidades, os nomes dos sujeitos a eles ligados por família ou profissão, indagando as fontes documentais que metodologicamente evidencia “se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la” (GINZBURG, 1989, p. 177). Logo, no tratamento das fontes, o método indiciário torna-se fundamental pela capacidade de traçar vestígios, parentescos e a partir dos nomes em listas, grupos de trabalho, festividades e redes de sociabilidades. Interessa seus pares, seus opositores, seus professores na FAMEB e os discursos circulantes ali.

Os intelectuais negros em questão rompem com a utilização da



expressão “intelectuais” corrente após o período do Caso Dreyfus. Teoricamente, utilizamos os entendimentos de Sirinelli (1996) sobre o conceito de intelectual. Conforme o autor há uma necessidade de analisar as ideias produzidas e defendidas pelos intelectuais de forma articulada com a cultura política da época em que ele está inserido. Por tratar-se de uma elite de médicos, professores, intelectuais, membros com vínculos partidários e seus familiares numa rede, não nos limitamos a comparar suas biografias, mas tomá-los numa prosopografia, sobretudo por investigarmos uma elite em Ilhéus.

Metodologicamente suas trajetórias tão singulares não caberiam numa discussão biográfica isolada, mas prosopográfica pela natureza dos traços comuns nos perfis individuais de um grupo com liames bem estabelecidos. Para isso utilizaremos como percurso metodológico a prosopografia como meio de entender um período através de um conjunto de trajetórias e tão bem explicada por Lawrence Stone quando diz que “a prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas” (STONE, 2011, p. 115). Isto nos permite perscrutar as histórias destes e de outros médicos, professores negros na primeira República na Bahia.

217

A construção dos percursos profissionais aqui apresentadas tomam duas noções de trajetória elaboradas por teóricos que convergem com o escopo deste texto. A primeira delas é Bourdieu (1996), que busca compreendê-la como “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo)” (BOURDIEU, 1996, p. 81). Isto nos remete ao modo como Enoch e Soares Lopes atuaram em diferentes esferas da sociedade cacaueira de ricos brancos,



coronéis, senhores absolutos, e como conseguiram ocupar um duplo lugar de poder e representação social nas delegacias assumidas por eles. E em segundo lugar dialogamos com as ênfases dadas ao emprego das noções de itinerário (ou trajetória), geração e sociabilidade apontados por Sirinelli (e/ou elites culturais) (SIRINELLI, 1996, p. 245).

No campo da História da Educação, Marcelo Gomes da Silva (2012) entrecruza trajetória de intelectuais de modo semelhante ao que nos propomos aqui. Silva construiu os percursos de quatro sujeitos a partir das relações que possuíam na cidade de Juiz de Fora, os espaços que frequentavam e os cargos ocupados por eles. Para isso foi preciso perceber a presença dos quatro professores em um conjunto documental variado e disperso, o que empreendeu um esforço de cruzamento das fontes e possibilitou esboçar a trajetória desses sujeitos a partir dos

218 lugares ocupados por eles. Assemelha-se a Ilhéus.

Estes lugares pensados por Silva (2012) são comparados a Ilhéus da primeira República que queria a todo custo mostrar-se civilizada com médicos, doutores e o que havia de mais moderno pelo intendente municipal. Isto passava pela crença de que deveria ser definido a partir de critérios científicos (Sá, 2006).

Não era à toa que a imprensa ilheense se utilizava das figuras nomeadas como Delegado de Higiene, por um lado, e do Delegado Escolar, por outro, como dois grandes símbolos ou lugares de ciência e ordem ocupados por Soares Lopes e Carteado. Estes dois cargos faziam parte de uma esfera maior que era a aposta de Ilhéus na atuação intelectual e o seu papel no desenvolvimento conceitual e no fortalecimento da prática científica no Brasil (SÁ, 2006).



Revisão da Literatura: escancarando a compleição negra do médico-professor

Após uma varredura nos principais periódicos e plataformas de repositório, pesquisas no campo da História Social, História da Saúde e História da Educação, sentimo-nos bastante à vontade em eleger algumas pesquisas em que ao cruzarmos com nosso objeto utilizando descritores de busca como “medico, professor, negro ou preto, baiano”, emergiram interessantes biografias com as quais dialogamos inserindo as trajetórias de Enoch Carteado e Soares Lopes nestes rastros.

O primeiro deles, Vicente de Souza, teve sua trajetória passível de ser acompanhada largamente na Hemeroteca Digital em sua atuação no Rio de Janeiro, onde o médico baiano negro radicou-se. Ana Flávia Pinto (2019) tece conclusões importantes sobre seu percurso formativo e pontua que ele seguiu tocando paralelamente as profissões de professor e médico, ainda que a primeira muitas vezes se sobressaísse à segunda. Se por preferência, facilidade ou necessidade é difícil de saber.

A autora o considera exercendo papel triplo, professor-médico-ativista, mas há relações mais estreitas com a FAMEB onde formaram-se os que elencaremos a partir daqui. Destacamos a produção de Ynaê Lopes dos Santos (2020) sobre a impressionante trajetória de Juliano Moreira, que se tornou professor aos 23 anos, concursado da FAMEB, sendo ainda Professor assistente da Cadeira de Psiquiatria e Moléstias Nervosas, realizando as aulas práticas no Asilo de Alienados da Santa Casa de Misericórdia, além da psiquiatria e da experiência como Professor substituto nos anos de 1893 a 1895 , Juliano congrega os marcadorees de ser preto retinto, médico e professor com ampla atuação na Bahia e Rio de Janeiro.

Outro médico-professor preto e objeto de investigação de Maria



Nilza da Silva (2010) e baiano foi Justiniano Clímaco da Silva. Esta trajetória, assim como a de nossos investigados, também foi marcada pela docência antes dele ir para o Paraná. Justiniano formou-se primeiramente como professor, obtendo o título de Bacharel em Ciências e Letras, ministrou aulas de Matemática e Latim e com esta renda pode custear sua permanência no curso de medicina em Salvador e assim formou-se na FAMEB em 1933. Nas suas memórias, coletadas pela pesquisadora, Justiniano afirmou que, como pobre, “eu fiz seis anos de ginásio para tirar um diploma, para justificar como professor de ginásio. Então, fiz os cinco anos, mais um ano, que era o bacharel em Ciências e Letras” (Silva, 2010, p.12). Após mudar-se para Londrina continuou a lecionar ao passo que também exercia a medicina. Segundo Silva (2010), o Dr. Clímaco, que falava alemão e francês, foi professor do Ensino Fundamental e do Ginásio Londrinense onde lecionou Latin e Matemática.

220

Naos acervos do CEDOC – UESC e na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional encontramos outras trajetórias com similaridades que ainda não tiveram suas biografias escrutinadas e/ou publicadas. Um deles foi Pedro Luís Celestino, citado na introdução deste texto. Ele foi também um médico-professor negro, nascido em Salvador em 1854. Estudou na FAMEB ao lado de Pedro da Luz Carrascosa sendo lente substituto de Psiquiatria e Moléstias Nervosas em 1909, além de lente de Física e Química na Escola Normal.

Pedro Luís compôs comissões julgadores de exames preparatórios para ingresso de professores na Escola Normal em 1890 para cadeira de Física e Química.⁵ Em 1915 já era vice-diretor da Escola Normal⁶

5 HDBN, A Reforma: Orgão do Gremio do Professorado Bahiano (BA) – 1890, **Commisões Julgadoras** p. 04, ed.001.

6 HDBN, A Notícia: Nosso Programma - nossa rota, nosso escopo (BA) - 1914 a 1915. **Escola Normal**. P.02, ed. 00297.



e assumiu a direção após o falecimento de Elias Figueiredo Nazareth⁷ onde ficou em exercício até 6 de janeiro de 1923, quando veio a falecer subitamente.

Outro médico-professor foi Luís Anselmo da Fonseca que nasceu em Jacobina -BA em 1848 e formou-se médico em 1875, mas dedicou-se ao magistério. Foi diretor do Hospital da Febre Amarela em Salvador e conselheiro municipal. Escreveu uma obra, que nos permite mapear outros sujeitos como ele: não brancos, professores e médicos, em *A escravidão, o clero e oabolicionismo*, em 1887.

Posteriormente destaca-se de sua autoria o “Projeto para Reforma do Ensino Secundário da Bahia.” Sua trajetória docente conta com alguns apontamentos como Professor Adjunto, por concurso, da cadeira de Higiene e História da Medicina (1883), Lente de Física Médica (1891-1901), Professor da cadeira de Higiene (1903) e Professor Jubilado (1914), pontuou a pesquisa de Isabel Santana (2018).

221

Citamos ainda Ernesto Carneiro Ribeiro, um dos nomes mais conhecidos pela sua ampla atuação. Foi médico, professor, linguista e educador, conhecido pela polêmica mantida com Ruy Barbosa, seu ex-aluno, acerca da revisão ortográfica do Código Civil Brasileiro. Ao pesquisá-lo, Ismael Lage Pitanga (2021) destacou que Carneiro Ribeiro concluiu sua formação em 1864 na FAMEB com a tese Relações da Medicina com as Ciências Filosóficas. No seu primeiro ano de curso, foi recomendado para ensinar as matérias de Francês e Inglês no Ginásio Baiano de Abílio César Borges onde mais tarde também se tornaria vice-diretor. Nesta escola, Carneiro Ribeiro se tornaria professor de duas personalidades baianas: Ruy Barbosa e Castro Alves.

⁷ HDBN, Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (BA) - 1892 a 1930. **Escola Normal**.1922, ed.01, p.08.



A história do acesso da população negra ao nível superior tem sido bastante escrutinada. Outrossim, vale mencionar entre outros nomes de médicos mapeados na pesquisa em curso que estudaram na FAMEB como Francisco Vieira (1833), Malaquias Santos (1841), Sustitiano Souto (1845), Luís Santos (1861), José Melo (1873), Domingos Mello (1893).

Finalizamos com a trajetória da única mulher, médica, preta e professora, Maria Odília Teixeira, onde destaca-se a pesquisa de (Santos, 2019) e Philipe Murillo S. de Carvalho (2015) nesta última a encontramos em Ilhéus no início do século XX. Sua trajetória entrecruzou-se ali com a do Dr. Soares Lopes e de Enoch Carteado. Com este último, inclusive, Odília criou o Centro de Cultura Democrática (CCD), em agosto de 1928. Ela manteve relações estreitas entre as três famílias, Carteado, Lavigne e Soares Lopes, para além da esfera política, no circuito íntimo da família, com apadrinhamentos entre os filhos ao passo que se reuniam nos partidos políticos e em algumas agremiações.

222

Conforme postula Sirinelli (2003), compreendemos que o meio intelectual constitui, ao menos para seu núcleo central, um ‘pequeno mundo estreito’ onde os laços se atam.

História da Saúde e História da Educação: trajetórias entrecruzadas na Primeira República

O afluxo de profissionais liberais de Salvador para o sul da Bahia constituiu-se numa diáspora intelectual em fins do século XIX e início do XX. O que sobrava em cacau e fortunas, faltava em diplomas da Escola Normal e de outras áreas como Medicina e Direito. As elites locais não eram compostas dos típicos intelectuais, ou seja, dos “homens das letras”. Acompanhemos os dois sujeitos com vários pontos em comum

em suas trajetórias iniciando pela origem de suas famílias em Salvador na segunda metade do século XIX.

Fig2. Dr. Soares Lopes e Dr. Enoch Carteado



Fonte: Coletas do Projeto de Pesquisa: Imagem da esquerda fotografia tirada na parede do Instituto Piedade em fevereiro de 2021. Imagem da direita –CEDOC, Correio de Ilhéus, 1921.

223

O primeiro deles é João Baptista Soares Lopes: clínico, delegado de higiene e professor da Escola Normal da Piedade. Nasceu em Brotas em 1873. Seus pais eram Guilhermina e Caetano Soares Lopes, este professor público e armador. Casal de pretos com boa escolaridade, bens e posse de alguns escravizados. A família possuía distinção social num contexto em que, na sociedade escravista, a maioria dos pretos como eles vivenciavam os horrores da escravidão (Santos, 2019).

A entrada de João Baptista Soares Lopes na FAMEB foi possível graças aos esforços de sua família. Ele formou-se em fins do século XIX, mais precisamente em 1899, onde os pensadores, docentes, o currículo e relações sociais eram atravessados pelos valores eugênicos e doravante higienistas marcados pela ideia de “civilização”, “evolução”,



“modernidade” e “modernização”. Naquele contexto, apenas homens negros ilustres na sociedade baiana adentraram o campo da saúde, com notório tom de excepcionalidade. Após a formatura casou-se com Laura Ferreira, foi morar em Tabocas e posteriormente, em 1912, a convite de um coronel, estabeleceu-se em Ilhéus. Em novembro a Diretoria de Saúde Pública informava a nomeação do Dr. João Baptista Soares Lopes como delegado de Higiene.⁸

A partir daí teve cinco filhos e mais quatro décadas dedicadas à medicina e à docência, concomitantemente. Foi aclamado na imprensa, convidado para ser orador, membro das Associações como a de Artistas e Operários, Grêmios Literários, partidos políticos. Dividia um consultório com Arthur Lavigne, o mais distinto dos consultórios. Seu nome passou a ser citado na imprensa local nas mais diversas atuações como as “aclamadas as mezas da assembléia e da directoria, que ficou assim constituída: (...) Orador: João Baptista Soares Lopes”.

224

Destaca-se ainda sua mobilização em prol da construção do Hospital São José. Esteve na direção da Santa Casa de Misericórdia e foi eleito, ao lado do Dr. Edgar da Rocha Lyra, Dr. João Baptista Soares Lopes.⁹ Desde 1914 foi nomeado Delegado de Higiene, sendo consultado sempre acerca do estado sanitário da cidade. Chegou a pegar varíola e foi uma comoção local.¹⁰

Na Escola Normal da Piedade, emitia os atestados como Delegado de Higiene para a matrícula das normalistas e ainda atuava como professor de Física e Química. Sempre orador nas formaturas afirmou

8 HDBN, Gazeta de Notícias, 1912, ed. 00055, p.01

9 CEDOC, SANTA CASA DE MISERICÓRDIA. **Correio de Ilhéos**, n° 81, p.1, 30/12/1921.

10 CEDOC, O ESTADO SANITARIO DA CIDADE. **Correio de Ilhéos**, n°106, p.1, 09/02/1922.



certa vez que “é da educação das filhas do povo, “chrysalidas”, que vão ser borboletas, meninas que se vão transformar em sacerdotisas do lar, - que ele há de ressaltar brilhante, inconfundível!”¹¹

Também dava aula em colégios particulares como o Ginásio Castro Alves, dividindo seu tempo com as obras de caridade e atendimentos médico-cirúrgicos. Não era raro ler casos em que “os drs. Soares Lopes e Mario Pessôa fizeram, no domingo uma operação em um pensionista de 2^a classe. Os drs. Soares Lopes, Demosthenes e Mario Pessôa operaram hontem um indigente.”¹²

Foi no lastro da moralidade civilizadora da Primeira República que o Dr. Soares Lopes exerceria em Ilhéus o cargo de Delegado da Higiene e os valores do que se esperava desta função, somados aos de professor de Química e Física, constituíam-se na arena por excelência da versão baiana do racialismo dogmático, importado e adaptado ao cenário baiano que foi posto em prática na atuação clínica e docente de Soares Lopes. Ao fundar em Ilhéus a Sociedade Médico-cirúrgica, aglutinou em suas redes de relações outros intelectuais pretos da cidade em um círculo profissional, político ou familiar.

225

Em setembro de 1938 promoveu “um entrevero cordial dos diplomados de Ilhéus e Itabuna”. Chefiando a caravana o Dr. Soares Lopes, organizou o “encontro de doutores” no Itabuna Hotel em benefício da causa que criaria o Hospital Santa Cruz, Mais uma vez ele “pronunciou inspiradas palavras” e fez votos pela continuação de festas de cordialidade regional. O encontro foi composto por banquete, *foot ball* e à noite uma “magnifica recepção dansante” oferecida à alta sociedade

11 BPEBA, Jornal O COMÉRCIO, Ilhéus, ed. 21/11/1923, p. 3. Trecho do discurso.

12 CEDOC, HOSPITAL S.JOSÉ. **Correio de Ilhéos**, nº 159, p.2, 20/06/1922.



itabunense”.¹³ Este intelectual mediador ajudava a cidade vizinha continuamente na promoção das instituições de saúde.

O segundo intelectual é Enoch Carteado: delegado escolar, professor do noturno, pesquisador da infância e médico clínico, também vindo de Salvador. Terminava o ano de 1913, era uma segunda-feira, 29 de dezembro, quando a FAMEB diplomou mais uma turma.¹⁴ Nesta ocasião pomposa, Enoch Carteado era um dos formandos.

No ano seguinte, sua trajetória já poderia ser acompanhada na imprensa sul baiana. A cidade de Ilhéus em 1914 representava, economicamente, um eldorado promissor exportando cacau e ostentando fortunas. Uma sociedade carente de profissionais especializados como médicos e o Dr. Soares Lopes já lograra êxito ali, onde a demanda por médicos era crescente.

226 Enoch nasceu em fins do século XIX , em 1890, e rastreamos a trajetória familiar dos Carteados a partir do seu pai, preto livre e com posses de nome Donato Carteado que nasceu em 1860 e tinha 36 anos quando entrou para Sociedade Protetora dos Desvalidos – SPD em 1896. As pistas dos espaços frequentados pelo pai, e depois pelo filho, são reveladores de escolhas políticas e ideológicas. Foi fundamental, portanto, mapear os espaços frequentados e os sujeitos com os quais ombrearam naqueles momentos. No caso de Donato, sua filiação lhe permitiu compartilhar com outros pretos membros da SPD como Manoel Raymundo Querino. No ano de ingresso em sua ficha classificou-se como preto, polidor e casado.

Em 1914 Donato Carteado, sua esposa e os filhos Edith e Enoch estavam morando em Ilhéus. Enoch abriu consultório médico, era

13 CEDOC, Diário da Tarde, 19 de setembro de 1938, p.01

14 HDBN, Gazeta de Notícias, Bahia, **Faculdade de Medicina**, 1913, 29 de dezembro, p. 1, ed.90



professor do curso noturno, foi eleito conselheiro municipal e nomeado Delegado Escolar. Cumpre destacar que ao lado de sua irmã fundou o Colégio Carteado de propriedade dela como bacharela em Letras. Sob sua atuação como Delegado Escolar publicou relatórios extensos que cartografavam a instrução pública municipal. Nas suas palavras

“tratando-se de Instrucção, Ilhéus deve vangloriar-se por ser um dos municípios da Bahia, aquelle em que mais se trabalha em seu prol, não só por parte da municipalidade, como por parte das particulares que muitas vezes com sacrifício sem resultado imediato, não se cansa de diffundir com proficuidade, como acontece com a Escola Normal do Piedade, das Religiosas Ursulinas”.¹⁵

Sua trajetória como médico-professor foi brilhante. Além de casar-se e constituir família dedicou-se a ações benéficas muito importantes como criação de uma Escola Para Menores Desvalidos que fundou com sua irmã e a Loja Maçônica em 1922. Enoch prestava atendimento médico às agremiações como União dos Carregadores, realizava ações em prol do Hospital São José e com Edith e Soares Lopes compôs, dentre outros, a Associação de Proteção à Infância- API.

227

A trajetória de Enoch foi marcada por um episódio de racismo que ganhou as manchetes internacionais. A cidade festejava a ida do médico à Paris para especializar-se em notas do Correio de Ilhéus de 1928 . Este informava que seguiria para o Rio de Janeiro acompanhado de sua excelentíssima esposa, Dona Astéria Nick Carteado e de sua irmã Edith Carteado Monteiro Lopes. Do Rio embarcariam com destino à Europa devendo passar alguns meses no Novo Mundo.¹⁶

15 CEDOC, CARTEADO, Enoch. INSTRUÇÃO PÚBLICA- RELATÓRIO ANNUAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA MUNICIPAL APRESENTADA AO CEL. INTENDENTE, EM 1922, PELO SR. DR. DELEGADO ESCOLAR. **Correio de Ilheos**, Ilhéus, n°241, p.*, 09/01,1923

16 CEDOC, Correio de Ilhéus, outubro de 1928.



Em outubro de 1928, uma caravana de médicos brasileiros foi convidada a participar de uma convenção de profissionais da área na França. Durante quarenta e cinco dias os brasileiros assistiram várias palestras e frequentaram cursos oferecidos pela Faculdade de Medicina de Paris.

No decorrer da excursão, os médicos paulistas que compunham a equipe se incomodaram insurgindo-se com a presença do clínico baiano Enoch Carteado e pediram sua retirada do grupo sob a justificativa de ele ser preto e isso ser considerado motivo de embaraço frente aos anfitriões europeus. Também criticaram por ele ser formado na Bahia. Diante do ocorrido, Enoch Carteado reagiu e remeteu um telegrama ao professor Fernando de Magalhães, no Brasil. Entre oito manchetes nos principais jornais do Brasil e no francês *Le Mond* mapeados nesta pesquisa, optamos por transcrever a do *O Progresso Paulista*

228

Paris, 22 – Dr. Magalhães – Rio de Janeiro. Alguns colegas de São Paulo querem forçar “exprinter” separa-me da caravana médica pelo motivo somente de ser eu diplomado pela Bahia, da raça preta, para que os franceses ignorem que o Brasil a possui. Peço vossa intervenção, pois julgo não desonro a pátria. Enoch Carteado.¹⁷

O episódio em si possui campos ambivalentes de análises, mas nos deteremos sobre a importância de um intelectual negro que foi representar Ilhéus na Europa e sofreu, por parte da delegação paulista, um preconceito racial que se propunha a negar uma imagem de que no Brasil um preto retinto fosse doutor e símbolo nacional de civilização. A repercussão do racismo sofrido foi enorme dentro e fora do país.

Enoch escreveu tranquilizando a imprensa ilheense e não se calou

17 PROGRESSO. São Paulo, (1928 – 1930). Disponível em: <<http://biton.uspnet.usp.br/imprensanegra/index.php/progresso/>>. Acesso em: 4 abr 2021.



nem em Paris e tampouco no retorno ao Brasil, quando deu entrevistas a jornais de grande alcance dando sua versão dos fatos. O repúdio à atitude ganhou as manchetes do país e o caso ficou sendo retomado cada vez que uma nova opinião era publicada. Foram muitas posições contrárias, textos enormes e um debate que escancarou de vez a inconformidade das elites brancas em aceitar um médico baiano preto retinto. Ainda em Paris os telegramas de apoio a Enoch chegaram, como o de Fernando Magalhães que destacou “Má impressão aqui, questão Carteado. Julgo indispensável solução pacífica, pois, Carteado tem direitos iguais - (a) Fernando Magalhães”.¹⁸

No retorno a Ilhéus o episódio tampouco foi esquecido. A imprensa local criticou a atitude dos paulistas. Enoch Carteado tranquilizou aos ilheenses numa nota na imprensa e seguiu com a carreira médico-professor e no início da década de 1940 passou a dividir seu tempo entre Salvador e Ilhéus. Na capital, em 1935, foi um dos oradores na Sociedade de Pediatria da Bahia onde em companhia de Martagão Gestreira proferiu a palestra “Em torno de alguns anormaes da Escola para Menores.”¹⁹

229

Em Ilhéus assumiu o conselho fiscal na Cooperativa Central dos Cacaueiros Baianos entre 1942 e 1943.²⁰ Na década de 1940, manteve um consultório aberto na Rua Chile, Centro da capital, comprou um colégio na Rua Direita da Piedade e ao mesmo tempo tentou abrir um Ginásio Brasil em Itabuna. A negociação foi iniciada em fevereiro de 1944, muito aclamada em Itabuna sobre a transferência de um ginásio da capital para a cidade. Mas em Salvador era junto com a irmã ,

18 Idem.

19 HDBN, O Imparcial: matutino Independente (BA). Movimento Scientifico. 31 de outubro de 1935,ed.1498, p.2.

20 HDBN, Boletim da Cooperativa Central dos Cacaueiros Bahianos (BA) - 1942 a 1943, ed0007.



Edith Carteado, diretores do Ginásio.

O Intransigente, destacava em primeira página e apelava para o Sr. Prefeito e aos pais de família. Enoch encontrou-se com autoridades locais e fez uma avaliação do prédio onde deveria funcionar o Ginásio Brasil. Até então funciona ali o Colégio Saraiva do professor Belfort²¹. Um professor de Macuco, Freitas Ramos, enviou uma carta e foi publicada no jornal de autoria de João Conde em apoio a Enoch Carteado.

Estas duas trajetórias foram marcadas por brilhantismo e muitos episódios de racismo. Enquanto o do Dr. Carteado ganhou manchetes nacionais, no plano regional, na literatura e escritos memorialísticos os racismos sofridos pelo Dr. Lopes ressoam na oralidade, sobretudo pelos momentos em que ele contava ter sido confundido como um ajudante e nunca como o médico. Até Jorge Amado, que na infância brincou com um dos seus filhos, Antônio, o Tuísca, pois foram vizinhos em Tabocas, lembrou do Dr. Soares Lopes num romance “dr. Lopes, médico de grande fama, negro como a noite e boníssima pessoa [...]” (AMADO, 2012, p. 240).

230

Considerações Finais

Nestas duas trajetórias traçamos interseções e redes de sociabilidade tecidas entre o ensino e a saúde municipal. A atuação individual ou em conjunto destes dois médicos, seja nas epidemias, no atendimento gratuito aos pobres ou mesmo abrindo escola para menores desvalidos os coloca como protagonistas da Educação e da Saúde. Embora possuíssem particularidades de Estado para Estado, em termos gerais, como delegados escolares e de higiene, partilharam em Ilhéus do ideal de normalizar, profissionalizar e sistematizar a escolarização das cama-

²¹ CEDOC, O Intransigente, 1 de julho de 1944, número 44, pag.01



das populares.

Ao lado das autoridades locais, de coronéis e de fazendeiros abastados, os dois médicos-professores passaram a compor uma elite em perspectiva diferente composta pela pele retinta, diploma de medicina, influência local e, sobretudo, pelo controle e acesso aos partidos e agremiações populares onde eram sócios benfeiteiros convidados.

Os pretos desta elite, circulavam e agiam como mediadores na imprensa, numa rede de favores e indicações. Em 1921, Deoclecio Silva, intelectual negro com trajetória destacada na cidade, era diretor da Escola Complementar na cidade foi transferido de Ilhéus para Caetité (Santos, 2022).

Na sua vacância, Dr. Enoch mobilizou outros intelectuais em Salvador para trazê-los a Ilhéus para compor uma banca de avaliação dos candidatos à vaga deixada por aquele intelectual negro, convidando para isso outros intelectuais negros de grande prestígio na capital como Leopoldino Antônio de Freitas Tantu, também formado na FAMEB e professor, Alípio Franca, Possidônio Dias Coelho e um intelectual branco, seu ex-professor da FAMEB, Alfredo de Magalhães, bem no lócus de desenvolvimento e propagação das teorias do racismo científico no início do século XX. Este entrecruzamento de trajetórias carece de maior escrutínio, seja pelas biografias ou pelas relações de poder e inversão simbólica.

231

Montar uma banca com estes sujeitos de destaque era denotativo de muito prestígio de Enoch como seu poder na esfera estadual e local. É o que Sirinelli (2003) expressa com as redes de sociabilidades tecidas pelos intelectuais. Numa mesma edição de um jornal em Ilhéus era possível ler os nomes de Enoch Carteado e Soares Lopes entre os destaque das festas dos Ginásios, solenidades, festas cívicas, ao passo que no



outro dia os mesmos nomes protagonizavam ações como o “Brilhante festival em benefício do Hospital S. José e da Assistência Dentária”.²² Na esfera educacional, compunham mesas julgadoras, discursos e presença cativa nas festividades escolares mesclando relações familiares, parentescos entre os dois sobrenomes.

Numa festa de encerramento do ano letivo do Colégio Carteado, dirigido pela bacharela Edith Carteado, foi paraninfada pelos Drs. Julio de Brito – juiz local e homem preto - e pelo Dr. Soares Lopes onde “usou da palavra o dr. Soares Lopes, em um bello improviso, saudou a directora, pelo brilhante resultado alcançado pelos seus alunos.”²³

Seus filhos estudavam ali. Ele era padrinho de um dos filhos de Edith. Importante destacar que desde 1915 o Dr. Soares Lopes e o Dr. Enoch colaboraram com importante subvenção para a fundação de um Educandário aos moldes da capital.²⁴ O amparo à infância pobre era uma retórica comum em seus discursos contra a pobreza, em favor da saúde e da educação popular, como a criação do caixa escolar e da escola para os desvalidos. Neste lastro reivindicamos aqui uma série de estreitamentos investigativos entre a História da Saúde e a da Educação, sobretudo no século XX.

É importante balizar que o crescimento populacional em Ilhéus exigiu medidas que envolverem diretamente ao dois como Delegado Escolar e de Higiene. Queixava-se a imprensa dos meninos perniciosos, da vagabundagem de meninos nas ruas praças como

22 CEDOC, Correio de Ilhéus, Quinta-feira, 21 de novembro de 1929, edição n. 1264, p.02

23 CEDOC, COLLEGIO CARTEADO. **Correio de Ilhéos**, Ilhéus, n°226, p.2.02/12/1922.

24 CEDOC, Jornal de Ilhéos, **O Educandário**. 17 de outubro de 1915, p.01.



ameaças à ordem e à civilização e que estas autoridades deviam desviá-los do “negro labirintho da desgraça.”²⁵ Não raro, na edição seguinte, ambos se posicionavam.

Ao passo que as propagandas de colégios particulares se multiplicavam, famílias de profissionais liberais que se mudaram de Salvador para a terra promissora do cacau moldavam a cidade às suas necessidades com aulas de música, moda francesa, hábitos, peças teatrais e afins, mas o grande contingente de descendentes de africanos, filhos e netos oriundos do período pós abolição também perambulavam em pobreza, fome e em busca de alguma colocação profissional, porém sem instrução formal. Outra parte deste contingente pobre estava abandonado à própria sorte e ao controle social do Estado (Santos, 2019). Foi nesta confluência que os médicos-professores mais se encontraram.

233

Sob a mira destes dois delegados, de Higiene e Escolar, ou frequentando a Escola para Menores Desvalidos, deveriam estar meninos como Catharino, que fugiu da residência do Sr. Isaías de Andrade. Foi descrito que ele “sabia ler e escrever, com quinze anos presumíveis, mulato, cabello a escovinha, boa dentadura, nariz um pouco achatado, pés grandes, magro.”²⁶ Vários adjetivos indiciam a origem daquele menino. Criado sem os pais, sem idade certa, servindo numa casa de família de um coronel conhecido na cidade. Essa mão de obra infantil era explorada comumente. Tanto que oito meses após Catharino era procurada a menina “Jeronyma, de cor negra, tutelada do Dr. Elias Baptista dos Santos, trajando vestido de lá intei-

25 CEDOC, Correio de Ilhéos, **Meninos Perniciosos**. 13 de janeiro de 1923, ed.243, p.01

26 CEDOC, Correio de Ilhéos, **Menino Fugido**. 13 de janeiro de 1923, ed.243, p.0



riço que fugio de casa.”²⁷ Seriam muitos casos assim. Nestas notícias temos dois coronéis conhecidos dos nossos investigados lamentavam as fugas e prometiam educação formal aos fugitivos. Afinal havia ali a API- Assistência à Infância e Escola para Menores desvalidos em parceria com a Loja Maçônica e, sobretudo, a oferta da educação noturna para absorver uma população que durante o dia, trabalhando ou não, deveria manter-se ocupada e longe das desordens.

O anúncio era muito claro sobre as funções da escola noturna destinada “aos filhos dos operários que labutam durante o dia na tenda de trabalho para à noite procurarem a instrução que é o pão da vida. Há necessidade de se espancar do Brasil o analphabetismo; o filho do povo precisa conhecer de perto o seu valor.”²⁸

Além da educação como meio de controle e de civilização,
234 havia uma verdadeira campanha contra o lixo na cidade, a falsificação do leite, aos proprietários de açougue, aos menores vagabundos, combate aos candomblés e práticas religiosas afro-brasileiras. Até mesmo os carroceiros foram alvos.

Por outro lado, isso também não impediu que novas queixas continuassem a figurar na imprensa contra os carroceiros sob os rótulos de “rudes”, “imprudentes” ou “incivilizados”. Em 1928, denúncias deram conta de que eles novamente atentavam “contra a estética das vias e dispositivos do código de posturas” ao deixarem seus veículos estacionados na Rua Oswaldo Cruz, na Avenida Eustáquio Bastos e na Praça Coronel Pessoa (todas muito próximas de casas de exportação de cacau).²⁹

27 CEDOC, Correio de Ilhéus, **Gratifica-se bem.** 13 de setembro de 1923, ed.344, p.04

28 CEDOC, Correio de Ilhéus, **Instrucção Publica.** 07 de fevereiro de 1924, ed.404, p.01

29 Correio de Ilhéus, 10/5/1928, ano VIII, n.1041, p. 2.



O controle social na Primeira República era assunto das delegacias, a de polícia, a da higiene e a escolar. Este cenário era o campo de atuação de Soares Lopes e do Dr. Carteado. Suas trajetórias são exemplos de capítulos de histórias de vida de ascensão de uma elite cultural negra que se destacou na atuação na educação, mas dificilmente seria na medicina, como um não –lugar comum de seus percursos formativos. Seja na atuação na escola Normal ou na Escola Complementar, nestas duas trajetórias observamos que ser médico-professor não foi um caso isolado no início da carreira, mas é possível acompanhá-los numa longa participação em diversos espaços educativos. Na prática, os médicos-professores compunham em Ilhéus uma elite intelectual negra, que buscava circular, mediar e instituir práticas e discursos na História da Educação e da Saúde, investidos de um poderoso protagonismo inclusive criando instituições. Seus modos de atuação são lidos aqui como discursos e compreensão histórica coletiva atreladas à vivência singular e individual.

235

Referências

- AMADO, Jorge. *Gabriela, cravo e canela: crônicas de uma cidade do interior*. 2a ed. —São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- A Notícia: Nosso Programma - nossa rota, nosso escopo (BA) - 1914 a 1915.
- A Reforma: Orgão do Gremio do Professorado Bahiano (BA) – 1890
- Boletim da Cooperativa Central dos Cacaueiros Bahianos (BA) - 1942 a 1943
- BOURDIEU, P. *A ilusão biográfica*. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas:Papirus, 1996.
- _____. *Escritos de educação*: Petrópolis, RJ: Vozes, 2015
- CARVALHO, Philipe Murillo Santana de. *Trabalhadores, associativismo*

e política no sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna) 1918-1934. – Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. 294f.: Il.

CASTRO GOMES, Angela; HANSEN, Patrícia S. *Intelectuais, mediação cultural e projetos políticos: uma introdução para a delimitação do objeto de estudo.* IN: Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2016.

Correio de Ilhéos: 1921,1922,1923, 1925 1928,1929

COSTA, I. S. *A Bahia já deu régua e compasso: medicina legal, raça e criminalidade na Bahia (1890-1940)* [online]. Salvador: EDUFBA, 2023, 357 p. ISBN: 978-65-5630-501-1. <https://doi.org/10.7476/9786556305011>. Diário da Tarde de Ilhéus:1938

FERREIRA, Luiz Otávio; BATISTA, Ricardo dos Santos. *Do sertão da Bahia a Toronto: a trajetória profissional da enfermeira diplomada Haydée Guanais Dourado (1931- 1942).* Revista de História, São Paulo, n. 183, p. 1-29, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/221159>.. Acesso em: 9 out. 2024.

236

Gazeta de Notícias: 1912, 1913

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e História.* São Paulo:Companhia das Letras, 1989.

Jornal de Ilhéos :1915, 1918

O Comércio: 1923

O Imparcial: matutino Independente (BA), 1935O Intransigente, 1944

Progresso: 1928

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Vicente de Souza: intersecções e confluências na trajetória de um abolicionista, republicano e socialista negro brasileiro.* Estudos Históricos Rio de Janeiro, vol 32, nº 66, p. 274-286, janeiro-abril 2019

Relatórios dos Presidentes dos Estados Brasileiros (BA) - 1892 a 1930.

SÁ, D.M. *A ciência como profissão: médicos, bacharéis e cientistas no Brasil (1895- 1935)* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, 216 p. História e Saúde collection. ISBN: 978-85-541-308-1.

SANTANA, Isabel Almeida. *Luiz Anselmo da Fonseca: um médico e abolicionista baiano no final do século XIX* / Dissertação (Mestrado em História), UEFS, 2018. 127f.: il.

SANTOS, Cristiane Batista da Silva. *Histórias de africanos e seus descendentes no sul da Bahia*, Editus, 2019, 390 p. ISBN: 9788574555454

_____. *Do sertão ao sul baiano: sociabilidade, circularidade e atuação do intelectual negro Deoclecio Silva (1889-1927)*. Rev. Bras. Hist. Educ [online]. 2022, vol.22, e216. Epub 01-Maio-2022. ISSN 2238-0094. <https://doi.org/10.4025/rbhe.v22.2022.e216>.

SANTOS, Santos, Ynaê Lopes dos. Juliano Moreira : o médico negro na fundação da psiquiatria brasileira [livro eletrônico] / Ynaê Lopes dos Santos. – Niterói : Eduff, 2020. – 2,3Mb ; PDF – (Coleção Personagens do pós-abolição: trajetórias, e sentidos de liberdade no Brasil republicano, v. 3) 237

SCHWARCZ, Lilian M. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SILVA, Marcelo Gomes da. “*Por meio da resistência*”: processo de profissionalização docente no Manifesto “*Ao Professorado de Minas*” (1900) Dissertação (Mestrado em História) . – 2012. 124 f

SILVA, Maria Nilza da; PANTA, Mariana. *O Doutor Preto Justiniano Clímaco da Silva:a presença negra pioneira em Londrina*. Londrina, PR: Universidade Estadual de Londrina-UELUEL, 2010. 56 p

SILVA, Mayara Plascido. *Maria Odília Teixeira: a primeira médica negra*

- 
- da FAMEB* (1884-1937). Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- SIRINELLI, Jean-François. *As élites culturais*. In. Rioux J.-P. ; Sirinelli, J.-F. (orgs.). Para uma história cultural. Lisboa: Estampa. p. 259-279.
- _____. *Os intelectuais*. In. Rémond, René (org.). Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996. p. 231-269.
- STONE, L. *Prosopografia*. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 115-137, 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782011000200009>.